

4 e Manuel da Silva Peixoto (Vila do Conde) – permanecem no cemitério improvisado em Guidaje outros cinco militares do Exército – Manuel Maria Rodrigues Galdes (Vimioso), José Carlos Moreira Machado (Valpaços), João Nunes Ferreira (Madeira), Gabriel Ferreira Telo (Madeira) e António Santos Jerónimo Fernandes (Vimioso) – que Manuel Rebocho pretende também trazer para Portugal.

“Os corpos dos outros dois militares, nativos, poderão ser também resgatados e conduzidos para um cemitério local”, acrescenta.

MISSÃO PARA 2007

Neste momento, estão já a ser feitos esforços no sentido de contactar as famílias dos militares do Exército e se obterem as devidas autorizações.

Morte heróica

Soldado de Fornos levou tiro fatal quando tentava salvar camarada ferido

A morte do soldado pára-quedista de 19 anos, da localidade de Fornos, Cadima, ganha nova dimensão quando se conhecem as circunstâncias em que ocorreu. Num depoimento oficial, o sargento da companhia de que José de Jesus Lourenço fazia parte afirma que o pára-quedista encontrou a morte quando tentava retirar um camarada ferido da zona de combate.

A beleza da clareira fatal, no Coféu, esconde a morte de muitos dos soldados que a tentaram atravessar. Dadas as suas características, uma área completamente desprotegida no meio de uma zona muito arborizada, era o local perfeito para a realização de emboscadas. Foi o que aconteceu a 23 de Maio de 1973, quando o pelotão integrado por José de Jesus Lourenço o tentou atravessar, em direcção a Guidaje, debaixo de um calor abrasador que tornava a caminhada muito difícil.

O pára-quedista de Fornos, Cadima, era o segundo da coluna militar. À sua frente seguia Manuel da Silva Peixoto e, atrás, um dos sargentos da companhia. É precisamente um depoimento oficial no âmbito de um inquérito militar que relata a forma como se deu a emboscada.

Confiando na aparente calma que se fazia sentir, o início da coluna saiu da zona arborizada e entrou na clareira. A dada altura, Peixoto e Lourenço pararam e, sem que tivessem tempo de dizer alguma coisa, começou um intenso tiroteio vindo do lado oposto da clareira.

Atingido na região dorsal, Peixoto caiu por terra e começou a implorar por ajuda, tendo Lourenço e o sargento aproximando-se dele para o socorrer, embora conhecendo os riscos que conheciam. Desprotegidos na clareira, também eles eram alvos fáceis para os atiradores inimigos.

Assim que pegou no camarada, Lourenço foi atingido na zona cervico-dorsal, falecendo quase de imediato.

A terceira baixa pára-quedista daquela tarde ocorreria pouco tempo depois quando António das Neves Vitoriano, portador do morteiro, se colocou a descoberto para disparar aquela arma. Atingido na zona dos intestinos, teve morte quase imediata.

LOURENÇO AVANÇOU

O tiroteio prolongou-se ainda durante cerca de uma hora. Uma vez terminado, os dois mortos – o Peixoto, o primeiro soldado a ser atingido, viria a falecer cerca de duas horas depois – e os feridos foram conduzidos em macas improvisadas para o aquartelamento de Guidaje, situado a algumas dezenas de quilómetros a norte do local do confronto.

Ali colocaram os corpos num edifício

que fazia de morgue, enquanto esperavam a chegada dos caixões. No entanto, o calor que se fazia sentir e o tempo entretanto decorrido agravavam o estado de decomposição dos cadáveres, pelo que foi decidido que se deveriam sepultar os mortos ali mesmo, enrolados em lençóis e em panos de tenda e enterrados com honras militares.

O sargento que relata os factos em depoimento oficial, fala de constantes ataques ao quartel de Guidaje, situação que também pode estar na base da decisão de se enterrarem os corpos, em vez de se proceder à sua evacuação



Isto é uma linha de legenda, mesmo uma linha

para local de onde fossem, depois, encaminhados para Portugal.

Não esclarece, contudo, se o enterro dos corpos nas imediações do quartel tinha carácter temporário, como seria de esperar, ou definitivo.

Conhecedor das circunstâncias em que decorreram as mortes dos seus camaradas pára-quedistas a 23 de Maio de 1973, Manuel Rebocho, o sargento-mor pára-quedista/sociólogo que pretende recuperar os restos mortais dos militares “deixados para trás”, não tem dúvidas em afirmar que a morte do soldado Lourenço se deveu a um acto de coragem, digno de nota.

Embora os militares sejam treinados para socorrer os seus camaradas, o sargento-mor considera que “a generalidade não avança” quando está em causa colocar-se em risco a própria vida. Não foi o que aconteceu com José Lourenço, de Fornos. Apesar da tenra idade (faria 20 anos dois meses depois), o pára-quedista arriscou-se para ajudar o seu camarada ferido, tendo falecido em consequência do seu acto de heroísmo.

A esperança de Manuel Rebocho e de outros antigos combatentes que entretanto se associaram na vontade de trazer para território nacional os restos mortais dos seus camaradas, é a de que a missão possa vir a ser concretizada no início do próximo ano, quando o país estará no auge do seu período de seca, altura em que o terreno permite a necessária pesquisa e o levantamento das

improvisadas sepulturas.

“Esta altura do ano e até meados de Novembro corresponde lá à época das chuvas, pelo que toda a região do Guidaje se encontra normalmente alagada”, explica.

Na localidade de Fornos, os pais de José de Jesus Lourenço continuam a alimentar a esperança de poder dar ao seu ente querido um funeral condigno.

Na guerra por opção

José de Jesus Lourenço foi para a tropa como voluntário para despachar o serviço militar obrigatório

Foi o desejo de “despachar a tropa” que, segundo os seus pais, ainda vivos, levou José de Jesus Lourenço a oferecer-se como voluntário, tinha então 18 anos. Caso não o tivesse feito, provavelmente seria chamado a cumprir o serviço militar cerca de dois anos depois, já depois do 25 de Abril, pelo que dificilmente se bateria pela Pátria no então Ultramar.

Trabalhador nos fornos de cal que existiam em Fornos e nas localidades limítrofes, José

“Eu não queria que ele fosse”, suspiram os seus pais, assegurando que viveram os últimos trinta anos com o remorso de terem permitido que o filho se voluntariasse.

“DEIXAS A RAPARIGA?”

A notícia da morte de José de Jesus Lourenço chegou cinco dias depois de ter acontecido. Ao fim da tarde de 28 de Maio, o então pároco da freguesia, dirigiu-se à localidade de Fornos, em direcção à casa de Maria de Lurdes Faim e do seu marido, Avelino Lourenço.

A presença inesperada do padre na localidade em dia tão inusitado alarmou as pessoas que se encontravam no campo, a schar milho.

“Foi um choque muito grande”, refere Cecília Eiras, de Fornos, explicando que a notícia se espalhou em pouco tempo, ouvidos os gritos de desespero da mãe do soldado.

Ainda hoje, mais de três décadas depois da morte de José, persiste um nó na garganta de quem o conheceu e com ele privou.

Naquela altura, estavam em preparativos a retoma da tradição da festa em honra do Mártir Santo, a realizar-se em Agosto. A tragédia que se abateu sobre a localidade fez com que se anulassem os festejos.

José Fatia, da vizinha localidade do Zambujal, recorda-se de ter gozado com José Lourenço quando soube que ele se tinha voluntariado para a tropa.

“Deixas assim a tua rapariga?”, terá ele perguntado.

Meses depois, o próprio José Fatia foi enviado para a Guiné. Sabendo da sua presença naquela província, Lourenço foi ao seu encontro e fez-lhe a mesma pergunta.

“Foi a última vez que o vi”, exclama o antigo combatente, não escondendo a comoção.

ESPERANÇA REACENDIDA

Durante anos, os pais de José da Silva Lourenço fizeram várias diligências para conseguir trazer o corpo do soldado para o cemitério da sua localidade.

Uma carta oficial que receberam, datada de 25 de Julho de 1973, afirmava que, uma vez que José tinha sido enterrado na Guiné, os restos mortais só poderiam ser trasladados sete anos depois da data do falecimento. O tempo passou e nada aconteceu.

Há alguns meses, quando foram contactados por Manuel Rebocho, o sargento-mor paraquedista que tomou a si a missão de trazer os corpos dos pára-quedistas enterrados em campo aberto a norte da Guiné para as suas terras de origem, Maria de Lurdes e Avelino Lourenço viram reacendida a esperança de realizarem o funeral do seu filho. E de terem um local onde chorar e lhe prestar a devida homenagem.